



Conexão Urbana

Galeria Metrôpole traz de volta um 'olhar modernista' do centro

— Espaço dos anos 1970 e áreas próximas à Praça da República atraem arquitetos, designers e galeristas que buscam 'conviver' com a cidade



FOTOS TABA BENEDICTO/ESTADÃO

MARCELO GOMES LIMA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Requalificar o centro antigo da cidade de São Paulo como espaço cultural e de conexão com seus habitantes tem sido objetivo de governantes já há algumas décadas. Em anos recentes, reocupar edifícios históricos com órgãos administrativos foi um dos caminhos encontrados para evitar a degradação de muitos deles. Agora, atraídos por valores de locação mais atrativos – e pelas vantagens potenciais de um arquitetura tida como mais generosa e inspiradora –, jovens profissionais que atuam na economia criativa começam a olhar com mais atenção para o rico patrimônio modernista daquela região.

Como uma pequena comunidade. É assim que o designer Bruno Niz, do Studio Niz, define o grupo de arquitetos, designers e galeristas que, nos últimos anos, se instalaram, ou transferiram seus endereços para a Galeria Metrôpole: um dos mais icônicos edifícios modernistas da capital, dos arquitetos Salvador Candia e Gian

Carlo Gasperini, situado no cruzamento da Avenida São Luís com a Praça Dom José Gaspar. A região, aliás, despertou interesse, como também se nota na Avenida Vieira de Carvalho.

“Em 2020, uma covid violenta me fez repensar tudo e partir para novos desafios. E meu atual endereço se enquadra nessa perspectiva. Em dois meses, em 2021, mudei para cá e posso dizer que as coisas estão indo bem. No começo, apenas a Naná Mendes da Rocha (designer e filha do arquiteto Paulo Mendes da Rocha), estava por aqui. Depois, principalmente no ano passado, foram chegando outros e, hoje, sinto que estamos imprimindo uma nova cara a esse lugar. O entusiasmo é grande”, conta Niz.

ARQUITETURA MODERNA. Em março de 1960, a revista *Habitat* estampava na sua capa o conjunto de edifícios Maximus, mais tarde denominada Metrôpole e Centro Metropolitano de Compras – a atual Galeria Metrôpole. A iniciativa teve sua origem com a organização de um concurso fechado. Fina-



listas, Salvador Candia e Gian Carlo Gasperini desenvolveram juntos o projeto final, no qual foram preservados aspectos de suas propostas.

Comum a ambos é o cuidado em conciliar os princípios da arquitetura moderna com as limitações espaciais de uma cidade de moldes ainda tradicionais. E, em especial, o caráter inovador do edifício comercial ao oferecer um espaço interno que é continuação do externo, além de uma eficiente circulação vertical, inédita pa-

ra os padrões da época, baseada no funcionamento de 14 escadas rolantes. Atributos que o colocam como precursor de muitos dos atuais shopping centers da cidade.

De centro comercial de luxo nos anos 1960, a Metrôpole começa a entrar em declínio a partir do final da década de 1970, quando suas lojas padronizadas deixaram de ser competitivas ante um mercado que exigia crescente diferenciação, e ainda em função do aumento da violência na re-

gião. Na década de 1980, com a revitalização da Praça Dom José Gaspar, o complexo ganhou algum fôlego e passou a abrigar agências de turismo, novas lojas, restaurantes e uma casa noturna. Até que vieram os anos duros da pandemia e, com eles, o fechamento de muitos espaços comerciais.

“Diria que me sinto seguro por aqui. Ou, pelo menos, nem mais, nem menos seguro do que em outros pontos da cidade”, afirma o arquiteto Pedro Henrique Demarchi que, desde o ano passado, também se instalou na galeria e se diz satisfeito com o ambiente altamente favorável à criação que encontrou por lá, com suas muitas galerias, lojas e livrarias especializadas em arte e design contemporâneo, além de espaços de convivência. “Para nós profissionais, mas também para os nossos clientes, é um ambiente muito diversificado, que favorece a troca de informações”, complementa. E, de fato, nesse quesito, eles não têm do que reclamar. Basta dar um giro pela área para conferir o grande número de espaços em funcionamento, ou recém-abertos, voltados para a criação contemporânea.

Modernista
Profissionais que atuam na economia criativa atentam para o patrimônio modernista da região

MINIMALISTAS. Além do Studio Niz, que desenvolve objetos de perfil minimalista, de madeira e metal, abriram suas portas por lá nos últimos anos, entre outras, a Metro Objetos + Fino, duas lojas de design independentes, que dividem o mesmo espaço; e a Paolô, focada em arte popular, com duas unidades em funcionamento, na Vila Madalena e na Avenida Paulista, que no ano passado resolveu abrir sua mais nova filial na galeria.

Por fim, como a Metrôpole é muito frequentada por arquitetos, designers e interessados em arte em geral, a IP Livros Usados, que também funciona no local, oferece uma seleção de livros sobre os assuntos favoritos desse público: fotografia, arquitetura e design, além de catálogos de exposições. E há ainda outra recém-chegada, a loja do Instituto Socioambiental (ISA), organização que defende os direitos dos povos indígenas e exibe uma seleção de cerâmicas, cestarias e acessórios produzidos por diversas etnias. ●

SAIBA MAIS SOBRE OUTRAS GALERIAS E LOCAIS QUE ATRAEM ARTISTAS NA PÁG. C2